

O comércio exterior de Cuba no século XXI e a diversificação de parcerias

Marcos Antonio da Silva¹

Guillermo A. Johnson²

RESUMO

O presente trabalho analisa a reinserção econômica de Cuba na primeira década do século XXI. Para tanto, procura demonstrar que o comércio exterior do país, alicerçado nos objetivos gerais da política externa cubana, indica diversificação de parcerias, superando a concentração que existiu ao longo do século XX, e tem contribuído para a recuperação econômica e maior autonomia do país.

Palavras-Chave: Cuba; Diversificação; Parcerias.

A Revolução Cubana chegou ao final do século XX marcada por um duplo desafio, herança do desmoronamento do bloco soviético com quem o país mantinha relações intensas. No âmbito interno, uma profunda crise econômica e social assolou o país, atingindo parcialmente as conquistas sociais revolucionárias (ALMENDRA, 1998; CEPAL, 2000; LÓPEZ-SEGRERA, 1995). No âmbito externo, o país viu o aprofundamento do embargo americano e a necessidade de reconstruir laços políticos e econômicos com a comunidade internacional. Este trabalho procura analisar o processo de reinserção internacional e diversificação de parcerias que têm orientado a política externa cubana neste novo século, contribuindo para a recuperação econômica e a superação do relativo isolamento.

Na primeira década do século XXI, Cuba tem desenvolvido uma política externa que, embora, mantendo as características fundamentais de décadas anteriores, procurou adaptar-se ao novo contexto. Neste sentido, dentre os aspectos tradicionais, pode-se apontar o intenso ativismo, pelo globalismo, pela afirmação da soberania nacional, pela

¹ Professor de Ciência Política do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Membro do LIAL (Laboratório Interdisciplinar de Estudos sobre América Latina).

² Professor de Ciência Política do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Coordenador do LIAL (Laboratório Interdisciplinar de Estudos sobre América Latina).

inserção crítica no sistema internacional, pela relação intensa com América Latina e pela cooperação internacional fundada no internacionalismo, entre outras (PISANI, 2002; SALAZAR, 1997; AYERBE, 2011; ALZUGARAY TRETO, 2003). A estas características pode-se acrescentar que, a partir dos anos 90, a política externa cubana, adaptando a conjuntura interna e a internacional, incorporou o pragmatismo, o papel propositivo e negociador nos conflitos regionais (América Central e do Sul), a cooperação internacional fundada na diplomacia social e, principalmente, a diversificação de parcerias políticas e econômicas. (DOMINGUEZ, 2003; SALAZAR, 2000; ALZUGARAY TRETO, 2003; SANCHEZ-PARODI, 1998; SERBIN, 2011)³.

Sendo assim, tem início um período de “atualização” do sistema, tendo, como pano de fundo, as demandas sociais e econômicas, e a necessidade de recomposição das relações internas. Embora reconhecendo que tal estratégia de diversificação de parceiros possui diversas dimensões (política, diplomática, ideológica etc.) que fogem ao escopo deste trabalho, pudemos percebê-la e analisá-la no âmbito das relações econômicas, considerando o intercâmbio comercial.

O desempenho do comércio exterior e a diversificação de parcerias econômicas podem ser observados no seguinte quadro:

Quadro 1- Comércio Exterior
Intercâmbio de mercadorias (continentes e países).

PAÍSES	2000	2001	2002	2003	2004
Total	6 470 872	6 415 126	5 609 818	6 360 780	7 947 316
EUROPA	2 809 742	2 756 592	2 329 014	2 500 473	2 709 425
Alemanha	198 723	119 486	96 955	140 633	154 190
Espanha	893 338	837 303	724 920	773 443	819 138
Rússia	435 877	486 420	352 899	191 168	195 558

³ Um elemento que aprofundou o pragmatismo e a reorientação de tal política relaciona-se a substituição da liderança de Fidel Castro por Raul Castro, que como apontam Alzugaray Treto (2007) e Serbin (2011). Este chega a afirmar que: “Este nuevo factor se articula con um creciente pragmatismo de la política exterior cubana, particularmente a partir del reemplazo de Fidel por Raúl Castro en el gobierno, que se caracteriza por renovar y adoptar nuevos compromisos internacionales en el marco de una estrategia de diversificación de las relaciones externas de la isla para asegurar mejor la supervivencia económica del país, sin poner en riesgo el modelo político existente” (Serbin: 2011, p. 233).

França	332 287	331 626	262 448	224 695	187 343
Holanda	202 502	400 861	360 888	485 789	695 960
Itália	330 800	308 316	294 648	347 567	285 391
ÁSIA	988 489	1 034 959	997 086	1 073 636	1 251 185
China	524 301	622 231	592 852	583 501	670 439
Japão	111 102	110 283	95 970	127 803	185 797
Vietnam	48 957	59 432	69 204	80 805	146 946
Outros	153 240	119 261	83 400	109 334	113 494
ÁFRICA	37 492	36 002	35 950	102 974	77 539
Argélia	820	1 305	9 015	78 077	66 807
AMÉRICA	2 630 128	2 525 780	2 186 765	2 632 961	3 852 516
Argentina	77 184	80 517	40 752	44 592	117 808
Brasil	151 390	164 578	117 558	128 026	223 318
Canadá	589 019	592 388	455 131	506 940	754 986
EUA	0	4 414	173 615	327 252	443 900
Venezuela	912 409	973 4123	744 748	875 714	1 509 776
México	337 815	315 955	229 352	236 293	266 213

Comércio Exterior
Intercâmbio de mercadorias (continuação do quadro 1).

PAÍSES	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Total	9 763 702	12 422 448	13 764 875	17 898 251	11 769 014	15 244 542	19 997 000
EUROPA	2 868 169	3 878 398	3 557 874	3 978.210	2 759 308	3 020 771	4 061 496
Alemanha	329 505	639 876	395 989	404 658	308 981	296 538	56 309
Espanha	828 459	1 016 533	1 154 838	1 427 275	906 336	946 907	1 185 077
Rússia	189 815	288 772	362 358	324 706	283 129	284 814	292 558
França	217 459	249 742	235 120	272 634	185 886	297 900	367 496
Holanda	647 139	855 977	526 599	386 208	306 104	420 614	729 378

Itália	304 105	434 481	415 196	552 023	353 263	331 187	439 553
ÁSIA	1 771 572	2 715 691	3 566 082	3 760 439	2 491 965	2 787 735	3 060 780
China	996 289	1 815 101	2 446 404	2 157 898	1 687 508	1 900 707	2 067 942
Coréia do Sul	84 544	183 047	333 591	433 012	113 022	99 017	130 819
Japão	259 829	183 254	236 895	162 593	94 201	86 347	88 344
Vietnam	252 329	192 243	283 949	516 566	279 179	268 939	313 743
Outros	80 970	113 821	109 067	161 480	108 916	68 220	210 793
ÁFRICA	166 720	246 257	300 702	578 513	421 022	409 737	625 184
Argélia	143 391	229 839	234 349	248 131	170 613	214 139	320 112
AMÉRICA	4 885 194	5 515 126	6 250 292	9 450 137	6 083 009	8 976 926	12 171 671
Argentina	160 884	115 668	150 407	140 021	144 804	146 835	167 532
Brasil	352 202	453 011	446 380	641 820	570 964	501 409	725 182
Canadá	777 796	896 985	1 399 689	1 412 400	741 328	971 820	1 198 057
EUA	476 311	483 591	581 657	962 767	598 212	410 756	431 009
Venezuela	2 265 191	2 641 210	2 693 639	4 887 004	3 135 490	6 027 679	8 334 486
México	289 517	274 361	219 678	383 304	337 280	380 558	477 650

Fonte: ONE, Anuário Estadístico de Cuba, 2011.

O primeiro aspecto a destacar refere-se ao aumento do volume total, indicando que a lenta e tortuosa recuperação econômica dos anos 90 identificada pela CEPAL (2000) foi superada por uma recuperação crescente e contínua na década de 2000. Neste sentido, o intercâmbio comercial cubano triplicou, aumentando de U\$ 6,5 milhões para cerca de U\$ 20 milhões. Tal dado é revelador da recuperação econômica do país, porém, deve-se levar em consideração a necessidade de analisar o perfil das importações e exportações para que se compreenda sua natureza, desenvolvimento e tendências⁴.

⁴ Neste sentido, como aponta Mesa-Lago (2009), as importações cubanas referiam-se a alimentos da cesta básica, a produtos manufaturados e a combustíveis, mesmo considerando o preço preferencial fornecido do petróleo venezuelano. Em relação às exportações, observa-se uma maior diversificação e uma mudança substancial que começa nos anos 90 e se estende a esta primeira década do século XXI, com a superação, não intencional, da dependência do açúcar e a manutenção de um padrão concentrado em produtos primários (níquel, tabaco, frutas e pescado), cimento, da indústria farmacêutica e nos serviços.

O segundo aspecto relevante, que orienta esta análise, refere-se à evidente diversificação de parcerias e à política de relações econômicas globais, aspecto inédito na história do país, considerando os laços anteriores com EUA (pré-59) e URSS (pós-59) que concentraram mais de 65% do comércio exterior do país (AYERBE, 2011; MESA-LAGO, 2009; ALMENDRA, 1998).

Neste sentido, podemos observar que, no que tange aos continentes, tais relações fundamentam-se em uma perspectiva global, sendo que o maior intercâmbio é realizado com a América (mais de 50% em 2010 e cerca de 60% em 2011), seguida de Europa (cerca de 30% em 2010 e 25% em 2011) e Ásia (em torno de 15% nos dois anos); somente as relações com a África são pequenas no balanço geral e insignificantes com a Oceania; isto se deve ao perfil do comércio exterior cubano, bem como, no caso africano, apesar dos laços históricos e políticos com alguns países da região, as trocas comerciais sofrem o problema da similaridade e não da complementação; em relação à Oceania, as distâncias física e política e os custos parecem serem determinantes para a insignificância da relação comercial.

Na América, a relação com a Venezuela, nos marcos da ALBA e do intercâmbio baseado na troca petróleo-serviços assume dimensão importante (cerca de 40% do volume total em 2010 e 2011), mas longe da concentração existente em outros momentos. Tal parceria é reforçada pela convergência no plano geopolítico, ideológico e diplomático, que escapam ao escopo deste trabalho, indicando, no entanto, dependência da permanência de Chávez (ou chavistas) no poder. Além disto, deve-se destacar também a participação significativa do Canadá, o aumento constante do intercâmbio comercial com Brasil e México, revelando o estabelecimento de laços comerciais com Estados que tem certa ascendência econômica e política na região e procuram desempenhar papel relevante na política internacional.

Em relação à Europa, deve-se destacar o incremento das relações comerciais com a Espanha, Holanda, Itália, França e Rússia. Novamente diversificada, parte destas relações pode ser explicada pelos laços históricos e culturais (Espanha e Rússia), embora a variação indique a existência de tensões que podem afetar o intercâmbio comercial, dependendo da relação política entre os governos, o que também afeta a

relação com os demais. Nos outros casos, deve-se considerar o perfil das importações e exportações de ambos os lados para compreender sua amplitude.

Por fim, no que se refere à Ásia, o incremento das relações comerciais com a China é evidente, confirmando a diversificação das parcerias e sua relevância, diante do papel desempenhado por este país no comércio internacional contemporâneo. Também neste caso, tal relação na esfera econômica é impulsionada pela convergência de interesses em outras esferas⁵. A China tornou-se o segundo parceiro comercial de Cuba, sendo que esta fornece açúcar e níquel (principalmente), enquanto adquire produtos manufaturados, equipamentos de transporte, além de turismo e investimentos em extração de níquel e petróleo, bem como no desenvolvimento de biotecnologia. Apesar disto, deve-se levar em consideração os interesses globais chineses e os custos da relação comercial Cuba-China, porém, as perspectivas parecem indicar um aprofundamento desta parceria. Também se destaca o fortalecimento do intercâmbio comercial com Vietnam e a Coréia do Sul.

Desta forma, analisando o quadro comercial desta primeira década, podemos constatar que China, Venezuela, União Européia e Canadá, fundamentalmente, contribuíram para a recuperação econômica do país e sua estratégia de diversificação de parceiros. Além destes, devem-se considerar as potências emergentes como Rússia, México e Brasil, como parceiros importantes. Somente uma análise mais ampla que considere outros fatores econômicos (como investimentos, cooperação, dívida etc.) e políticos poderá captar as potencialidades e os limites de tais relações. Além disto, aguardamos a publicação Anuário Estatístico de Cuba com os dados referentes a 2012, para verificarmos a continuidade (ou não) destas tendências.

⁵ Como aponta Serbin: “En este marco, las relaciones bilaterales entre ambos países, como apunta Malamud, se apoyan en tres ejes fundamentales —el político, el económico y el estratégico. Cuba obtiene partido del apoyo político y económico chino, mientras que China se beneficia de la inteligencia sobre los Estados Unidos que obtiene del gobierno cubano. En este sentido, China tiene en Cuba un buen punto de observación (quizás el único en la región) para vigilar a los EE.UU. Por otra parte, China apoya, a través de diferentes mecanismos de cooperación, la educación, la explotación petrolera, la minería del níquel, el desarrollo tecnológico y la infraestructura de transporte cubano. En este marco, la relación es compleja en función de la combinación de los tres factores, pero mucho más intensa que con otros países de la región, en función de una estrategia regional de China que, sin embargo, tiene objetivos mucho más amplios” (Serbin, 2011, p. 229).

Referências Bibliográficas

- ALMENDRA, C. C.** A situação econômica cubana diante da queda do Leste Europeu. In: COGGIOLA, O. *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo, Ed. Xamã, 1998.
- ALZUGARAY TRETO, C.** La política exterior de Cuba en la década de 90: intereses, objetivos y resultados. *Política Internacional*, La Habana, vol. I, n. 1, p. 14-32, enero-julio 2003.
- ALZUGARAY TRETO, C.** Reflexões sobre o presente e o futuro político de Cuba nos albores do século XXI- uma abordagem a partir da ilha. In: *Relações Internacionais*, IPRI, Lisboa, março de 2007, pgs. 89-104.
- AYERBE, L. F. (org.).** Cuba, Estados Unidos y América Latina frente a los desafíos hemisféricos. Barcelona/Buenos Aires: Icaria/CRIES, 2011.
- CEPAL.** *La economía cubana*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2000.
- DOMÍNGUEZ, J. I.** La política exterior de Cuba y el sistema internacional. In: TULCHIN, Joseph; ESPACH, Ralph. *América Latina en el nuevo sistema internacional*. Barcelona: Bellaterra, 2004, p. 255-286.
- LÓPEZ SEGRERA, Francisco.** *Cuba cairá?* Petrópolis: Vozes, 1995.
- MESA-LAGO, C.** Balance económico-social de 50 años de Revolución en Cuba. In: *América Latina Hoy*, Salamanca, n.52, pp. 41-61, 2009.
- ONE (Oficina Nacional de Estadística).** Anuário Estadístico de Cuba. Havana: ONE, 2011.
- PISANI, M. E.** *Política exterior de la revolución cubana*. La Habana: Ciencias Sociales, 2002.
- SÁNCHEZ-PARODI, R.** Raízes e atuação da política externa cubana. In: *Política Externa*, São Paulo, vol. 7, n. 2, p. 153-167, 1998.
- SALAZAR, L. S.** *El siglo XXI: posibilidades y desafíos para la revolución cubana*. La Habana: Ciencias Sociales, 2000.

SALAZAR, L. S. *Cuba: ¿aislamiento o reinserción en un mundo cambiado?* La Habana: Ciencias Sociales, 1997.

SERBIN, A. *“Círculos concéntricos: la política exterior de Cuba en un mundo multipolar y el proceso de “actualización””*. In: **AYERBE, L. F.** (org.). *Cuba, Estados Unidos y América Latina frente a los desafíos hemisféricos*. Barcelona/Buenos Aires: Icaria/CRIES, 2011.